

O trieiro, o Narrador e suas histórias

Ronilce Maira Garcia Lopes
Universidade Estadual Paulista
romagalo@ymail.com

Resumo:

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas das discussões levantadas na dissertação intitulada: *Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com professores que lecionam Matemática*. Para isso, é preciso antes de mais, esclarecer os modos como a dissertação foi escrita, uma que a mesma não segue os moldes convencionais. Assim, como na dissertação, este artigo será escrito junto a um Narrador. O Narrador tem a intenção de discutir, problematizar, a questão do escape, das linhas de fuga, junto a filosofia da diferença. Levantando possibilidade de se pensar como produzir escapes. Para isso, discute questões sobre formação e contexto, que são pontos discutidos na dissertação. A partir de tal discussão, se mostra como o escape acontece dentro de uma instituição escolar.

Palavras-chave: Educação do Campo; Formação; Filosofia da Diferença.

1. As peripécias de um trieiro

Este artigo tem como escopo principal narrar as histórias de uma pesquisa(dora). Mas também, de levar algumas discussões que vão se afluando ao longo da história. Mas de que histórias estou falando? Narro sobre uma pesquisa de mestrado, realizada pelo Programa de Pós-graduação em Educação Matemática (PPGEM) pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Rio Claro-SP, cujo título é: *Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com os professores que lecionam Matemática. Uma história/pesquisa*.

Pesquisa que seguiu entre-trieiros. Pesquisa que pisou no chão de uma escola do campo. Pesquisa que tomou desvios. Pesquisa, que tinha como primeiro caminho, a interrogação: *como os professores que ensinam Matemática em uma Escola do Campo relacionam o currículo escolar e o contexto sócio/político/cultural/histórico/econômico/ecológico dos alunos*. No entanto, alguns desvios foram sendo tomados. De modo que, a pesquisa ganhou outras histórias, passou a ter outros questionamentos, a saber: *como os professores que lecionam Matemática em uma escola do campo concebem o significado e a importância do contexto dos alunos que ali estudam para o ensino e aprendizagem de Matemática?*

Com esse questionamento a pesquisa(dora) foi a campo. A produção de dados da história aconteceu na Escola Municipal Dom Bosco – Pólo e Extensões: Cirilo Anoena da Costa, situada na zona rural de Inocência-MS. Uma escola cuja história se perde nas bocas

daqueles que ali já estudaram, que ali levou seus filhos para estudarem. Uma escola cuja rotina, não é nada rotineira. Escola que sofria a opressão de fazendeiros. Escola que lidava com a falta de professores. Escola que aguardava a chegada da *internet*. Uma escola que fogia à pergunta de pesquisa. Uma escola que gritava, escancarava sua realidade. Como ignorar? Não foi possível desconhecer.

E nesse contexto a história se perdeu, nessa conjuntura a pesquisa abandonou a sua interrogação, sua metodologia... nesse momento a pesquisa assumiu outros novos trilhos. Na rotina nada rotineira da escola, a pesquisa passou então a interrogar: *como os professores que lecionam Matemática em uma escola do campo tem percebido e compreendido esse espaço?* Uma pesquisa cujo objetivos passou a ser:

1) Compreender como professores que lecionam Matemática em uma escola do campo têm lidado e compreendido os discursos sobre Educação do Campo;

2) Compreender como os professores que lecionam Matemática em uma escola do campo percebem sua prática nesse ambiente;

3) Compreender qual a concepção de Educação do Campo para os professores que lecionam Matemática em uma escola do campo, em um movimento que transcenda as individualidades dos discursos proferidos em uma escola do campo.

Nesses processos, a pesquisa passou por diferentes caminhos, a cada desvio transformações. Uma pesquisa que se findou movida pela Filosofia da Diferença, pela Cartografia, pela Educação do Campo, por Narrativas. Uma pesquisa que trilhou entre as normas dos trabalhos acadêmicos, buscando pelos escapes.

2. Uma dissertação/história

O que fiz foi tentar mostrar como a história aconteceu... como ela foi contada. Conteí a história da pesquisa a partir dos acontecimentos, dos atravessamentos, do dia a dia de uma escola do campo, conteí as pegadas deixadas no chão da escola, conteí também as vozes que escapam, ecoam por aquele chão. A história de uma dissertação, onde sangue e tinta se misturaram para escrever e narra tal pesquisa. Uma história/pesquisa/dissertação entre...

Entre-trilhos. Entre o dia a dia da escola. Entre discursos. Entre vozes que escapam. Afinal, o que se busca com essa história é desenhar um chão. Um chão entre tantos. Um chão que atravessa a Educação do Campo e a Educação Matemática. O chão da escola Dom Bosco. Essa história buscou sujeitos de carne e osso e não de tinta e papel. Buscou pelas vozes que, ao escapar, ecoam nesse chão. Os professores que lecionam Matemática na escola Dom Bosco são sujeitos dessa história, pois estão no chão de uma escola do campo. Ronilce está à procura do que escapa dos discursos,

daqueles discursos ideológicos, [...]. Por isso, ela vai para escola, vai pisar no chão de uma escola do campo, no chão da escola Dom Bosco. Quem escapa no chão dessa escola? Quem escapa ao chão dessa escola? Quem escapa com o chão dessa escola? Quem escapa do chão dessa escola? Professores?! Alunos?! Direção?! Quem? (LOPES, 2016, p. 67, no prelo).

Foi assim que essa dissertação também se perdeu. É assim que ela vira uma história. Não foi possível escrever a dissertação em tinta e papel, afinal ela se constituiu de histórias, ou seja, de carne e sangue. Uma dissertação constituída de atravessamentos, lembranças, sonhos, dor, afetações, lutas, pegadas, vozes, estranhamento, de histórias. Nesse movimento entre tinta/sangue/carne/papel, a história foi ganhando corpo. Me envolvi com os contos, quis dar vida aquele corpo que estava se constituindo entre tantas histórias, tantos atores, autores, ouvintes. Entre tantos discursos, vozes, marcas, afetações, estranhamentos. Entre tantas vidas e mortes. Uma dissertação que precisava de voz. Dissertação entre histórias e estórias. Afinal, “Narrar, contar histórias é algo comum, natural aos seres humanos. Portanto, para pensar sobre suas potencialidades, é necessário, inicialmente, um exercício de estranhamento.”. (SOUZA; SILVA, 2015, p. 57).

Como não estranhar? Não estranhar essa complexidade de sujeitos, em que sangue e tinta, realidade e imaginação, passado, presente e futuro se misturam. (LOPES, 2016, p. 18-19, no prelo). Então estranhem! Estranhem tudo. Minha voz, minha escrita... nossos corpos, nossas marcas. Ao estranhar, somos automaticamente tomados pela dúvida, pelo medo. Esses sentimentos podem nos fazer parar ou seguir. Ao escolher seguir, somos capazes de mudar, transformar, produzir, buscamos linhas de fuga, escapes. Mas essas linhas de fuga, esses escapes, não é algo que se encontra, é algo que criamos, é aquilo que escapa entre os dedos. É sobre essas linhas, essas forças que irei contar nessa pequena historieta. Não irei descrever detalhadamente, sistematicamente, analiticamente a dissertação, menos ainda dizer de seus resultados, não há resultados. Há afetações. Há linhas de fuga, ainda que invisíveis, o que essa história produziu foi escapes.

3. Escapes

Ainda que essa história tenha se perdido junto a Filosofia da Diferença, o caminho a ser trilhado junto a Filosofia da Diferença é longo. Mas de tudo que foi estudado, de tudo que a Filosofia da Diferença diz, o escape ou linhas de fuga, como Foucault chama também, foi o que mais afetou a história. No chão da escola, foi possível perceber como um corpo organizado pode ser desorganizado. Um corpo que nega o organismo, ainda que a teoria diga

ao contrário. Na prática, no chão, nas vivências, o que se tem é um corpo que se forma, (de)forma, (trans)forma. Um corpo (des)organizado pelas pegadas daqueles que já estiveram, pelas marcas daqueles que ainda lá estão. Uma escola que estava/está sendo agenciada, afetada por sua realidade, por sua história, por seu lugar...

Porque o CsO [Corpo sem Órgãos] é tudo isso: necessariamente um Lugar, necessariamente um Plano, necessariamente um Coletivo (agenciando elementos, coisas, vegetais, animais, utensílios, homens, potências, fragmentos de tudo isso, por que não existe “meu” corpo sem órgãos, mas “eu” sobre ele, o que resta de mim, inalterável e cambiante de forma, transpondo limiares). (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 28).

Somente quando a ideia de CsO acometeu a história, só assim, as linhas de fugas começaram a aparecer. Pois, antes de mais nada, a linha de fuga, é modo que se encontra para sobreviver. A escola é um corpo sem órgão, pois produz linhas de fuga junto ao organismo para sobreviver, para continuar existindo. Entre a pesquisa seguiu, pois a escola seguia entre. Entre discursos. Entre teoria e prática. Entre...

[...] deslizando no entre, nos entre-lugares; buscando pontes que ajudem a atravessar para outras margens: uma luta entre tradições e traduções, entre permanecer e transformar. Este esforço de sobrevivência expõe fragmentações, descentramentos e tensões de vidas nas fronteiras. Desloca o viver para o “além”, para o “pós”, para uma terceira margem. (CLARETO, 2003, p. 25).

Terceira margem. Talvez nem todo escape nos leve a uma terceira margem, mas o escape pode ser a invenção de pontes, de pontes de sobrevivência. Pontes que se reitem. Mas então o que é escapar? É sobreviver, antes de mais nada é sobrevivência. E para sobreviver é preciso produzir linhas de fuga, linhas essas que produzem caminhos entre as aberturas criando outras rotas de fugas, expandindo-as, ampliando a visão do horizonte. Mas, seja no homem ou no animal, a sobrevivência é um instinto, temos em nós. Às vezes travamos luta pela sobrevivência sem se quer perceber, simplesmente agimos pelo instinto, por isso nem sempre o escape, o entre-lugar, produz uma terceira margem. Ou melhor, cada um de nós, produzimos nossas terceiras margens.

Um terremoto é provocado pelos descentramentos das placas tectônicas. O descentramento provocado por terremoto depende do choque, da intensidade da movimentação da placa tectônica, conforme essa circulação, conforme essa intensidade, nosso mundo é descentrado, a terra é deslocada, provoca rachaduras, tampa saídas. O quanto queremos escapar? O quanto nossos instintos já são mais maiores que nossos desejos? Tudo isso deve ser considerado quando dizemos de uma linha de fuga. Cada um de nós, produz suas

próprias linhas, cada um almeja um horizonte. Afinal, “Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga, no animal e no homem.” (DELUZE e GUATTARI, 1995, p. 72).

E quais linhas de fugas a escola produzia, quais escape foram perceptíveis a história?

4. A Escola Dom Bosco

Antes de continuar, quero apresentar a Escola Municipal Dom Bosco – Pólo e Extensões – Cirilo Anoena da Costa, situa-se no município de Inocência, situada na zona rural, a 35 km de distância da cidade, é uma escola do campo, cheia de histórias, antes era extensão, agora é pólo, no entanto não mais extensões, já esteve até fechada. Recentemente, mais precisamente em 2014 um prédio novo foi inaugurado, nesse ano também a escola passou a atender aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, de modo que agora atende do o Ensino Fundamental. Uma escola dividida. Do 1º ao 5º ano existe uma Proposta Pedagógica fundamentada nas condições de alunos do campo, no entanto, do 6º ao 9º ano, não sequer uma proposta, os trabalhos com esses anos são fundamentados pelo Referencial Curricular do Estado de Mato Grosso do Sul.

Mas a questão aqui é, a Escola Dom Bosco é uma escola do campo ou não? O que define uma escola do campo? Sua localização? Sua clientela? Sua filosofia? Seu cadastro no Censo Escolar? Resolução CNE/CEB n.º 2, diz que a Educação do Campo compreende a:

Educação Básica em suas etapas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de nível médio integrada com o Ensino Médio e destina-se ao atendimento às populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida – agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros”.(BRASIL, 2008, p. 1).

Mas, então, como sei que uma escola é do campo ou não? O Decreto n.º 7.352/2010 que é a Política Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), diz que escola do campo são aquelas são aquelas situadas em área rural, conforme é definido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou aquelas situadas em área urbana, mas que atendam prioritariamente crianças residentes no campo. Então, por definição a Escola Dom Bosco é uma escola do campo, independente dos discursos que lá circulam, afinal está situada em área rural e mais, atende unicamente crianças do campo.

5. O escape

A produção de dados¹ da pesquisa se deu em dois momentos, o primeiro consistia em observar, ou melhor, em vivenciar, sentir, vibrar junto a escola, para posteriormente realizar uma entrevista com os professores que Lecionam Matemática. Seis professores lecionam Matemática, seis vozes. Vozes que escapam dos discursos ideológicos da Educação do Campo. Vozes que sobrevivem e faz com que a escola sobreviva.

Adriano, Leila, Ormisia, Olga, Rildo e Valcemíria esses são os professores que lecionam Matemática. Lecionam Matemática, por quê? Porque nem todos são formados em Matemática, seja licenciatura ou bacharel. Afinal as professoras, Leila, Ormisia, Olga e Valcemíria são professoras do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, tendo suas formações em Pedagogia, do 6º ao 9º ano, temos os professores Adriano, formado em Filosofia, dando aula de Matemática para os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e por fim o professor Rildo, formado em Matemática, lecionando no 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

Essas são as vozes da história que contei, são algumas das vozes que ecoavam no chão da escola da Dom Bosco. Dentre tantos discursos, tantos escapes. Nesse conto, contarei sobre uma linha de fuga. E esse escape se dá pela palavra formação. Seguindo essa linha encontro de cara, um problema. Temos a princípio dois tipos de formação, a formação inicial, aquela que por definição capacita uma pessoa para atuar em uma área específica do conhecimento e ainda temos a formação continuada, aquela que se dá após a formação inicial.

E por que a formação é um escape que a escola produziu? Percebam que há um professor de Filosofia lecionando Matemática. E mais, hoje temos cursos voltados para Educação do Campo, nenhum de nossos professores sequer ouviram falar nessas licenciaturas específicas para a Educação do Campo. E como isso é um escape? Simples, se a escola ficasse presa a procura de professores com formação específica, a escola não sobreviveria. Afinal não se teria professor, e, sem professor uma escola não sobrevive.

Quando questionados sobre o que é importante para os professores que lecionam Matemática em uma escola do campo? Os professores falaram sobre realidade. Professores que não receberam formação para trabalhar com essa realidade. De que realidade falavam esses professores? A realidade do aluno do campo, uma realidade em movimento, um dia aqui outro ali, nunca sabem quanto tempo ficam em lugar, tudo depende da permanência de sua família em certo emprego. Alguns ainda passam boa parte de seu dia dentro de uma sala de aula e dentro de um ônibus.

¹ Baseado em Passos; Kastrup; Escóssia (2009), o termo produção de dados será utilizado nesta pesquisa, e não coleta de dados, pois se considera que os dados não são coletados e sim produzidos.

Crianças que vivem com avós, padrastos, madrastas, tios. Crianças que sonham com o dia de compra para irem na cidade. A realidade do povo camponês está além do que qualquer curso de formação pode oferecer, contextualizar exercícios, partir de sua realidade. Como? O professor compreende isso em sua prática. No lugar, de carros, prédios, há boi, cavalos, carroças. Essa é a rota de fuga dos professores em sala de aula. É suficiente? É possível contextualizar uma realidade tão vibrante? Dessa maneira não, talvez essa seja uma maneira de falar com os alunos, mas não de dar significado. Não é assim que o aluno vai compreender que o que se aprende em sala de aula ele, poderá utilizar em seu dia a dia. Ele pode até compreender a técnica, ele terá habilidade, mas não competência.

Quanta situações perpassam a formação, mas seria tolice acreditar que uma formação fornecerá ao indivíduo todos os aspectos, todas particularidade que ele enfrentará em sua prática. A grande formação se dá prática. Mais ainda sim, é preciso questionar que tipo de formação estamos oferecendo, é preciso mostrar aos nossos professores onde estará se inserindo. Estamos em constante formação. Mas estar em constante formação não tem nada a ver com formação continuada. A formação não deve ser pensada como algo é dado, algo que forma, se ela forma, não é possível estar em constante formação, pois a forma está pronta e acabada. A formação talvez seja “[...] como o de proporcionar “uma forma, mas não o de modelar uma forma”. (BICUDO, 2003, p. 26). Vê a formação como algo inacabado, com lacunas, mas profundamente comprometido com uma maneira de olhar, explicar e intervir no mundo. Como o olhar de uma criança. “O educador diz: “Veja!” - e, ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente e, ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria e dar mais alegria – que é a razão pela qual vivemos.” (ALVEZ, 2014)

Os professores quando fazem as trocas de palavras busca por linhas de fuga, busca a expansão do mundo de seu aluno. Se é certo ou errado, ainda não se sabe. Se estiver errado, quem culpar? A direção que permite professores não formados? Os professores que lutam para sobreviver? Os pais alunos que aceitam esse seu filho recebam essa formação? A pergunta é: quem ali não está lutando por sua, mas também pela sobrevivência de uma escola? Não se trata de certo ou errado. Mas pensar a formação com algo inacabado é pensar uma formação fora das caixinhas, talvez de modo inadequado, o professor de Filosofia faz isso, quando aceita as aulas de Matemática. Afinal é um sobrevivente. O dia a dia de uma escola, não cabe em papeis. Não cabe em 4 horas de palestra. A formação se dá na (de)formação, na (trans)formação, se ela não acontece assim, ela acontece em um molde. E formação é mais.

Formação designa o processo de devir, em que o contorno da imagem, que persegue o modelo, se realiza. Mas é mais que isso. Esse processo, porém, não se efetua de modo a atender a uma finalidade técnica a ele externa, mas brota do processo interno de constituição e de formação, permanecendo em constante evolução e aperfeiçoamento.”. (BICUDO, 2003, p. 28).

Talvez quando passarmos a pensar a formação de uma outra maneira, sejamos capazes de pensar a educação, a escola de uma outra maneira. Mas enquanto isso não acontece. Enquanto alguém não escape e invente pontes para uma terceira margem, é preciso seguir... sobreviver... pois antes de fugir para fora, é necessário, criar abertura, fissuras dentro do sistema, ou seja, é preciso sobreviver dentro do sistema, por isso, as linhas de fuga são invisíveis, para não sermos capturados de uma vez por toda, entendemos que esses professores produzem essas linhas invisíveis, não sei se na busca pelo escape definitivo ou simplesmente pela sobrevivência.

Desse modo, esse conto narra algumas dos escapes que a formação de Ronilce, a é, nossa pesquisa(dora) produziu junto a história que eu, o Narrador de sua dissertação contou recentemente. E eu, sou apenas mais um escape. O Narrado que escapa as normas.

Referências

BICUDO, M. A. V. A Formação do Professor: Um Olhar Fenomenológico. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). Formação de Professores? Da incerteza à compreensão. Bauru: Editora EDUSC, 2003, p. 19-145.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-29, jan./fev./mar./abr. 2002. Tradução João Wanderley Geraldi.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. **Diário Oficial República Federativa do Brasil**, Brasília, 29 abr. 2008. Disponível em:
<<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=29/04/2008&jornal=1&pagina=25&totalArquivos=96>> Acesso em: 02 de agosto de 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.

CLARETO, Sônia Maria. **Terceiras margens: um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá)**. 2003. 254f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

LOPES, R. M. G. **Histórias de uma pesquisa(dora) em uma escola do campo com professores que lecionam Matemática**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016, no prelo.

SOUZA, L. A. de; DA SILVA, C. R. M. **Narrativas e História Oral: possibilidades de investigação em Educação Matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. v. 7. (História da matemática para o ensino).